

Conhecimento feminino sobre a fisioterapia pélvica na atenção primária

Female knowledge about pelvic physiotherapy in primary care

Conocimiento femenino sobre la fisioterapia pélvica en la atención primaria

Recebido: 12/11/2023 | Revisado: 14/11/2023 | Aceitado: 15/11/2023 | Publicado: 17/11/2023

Juliana Almeida de Andrade

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4698-957X>
Centro Universitário Planalto do Distrito Federal, Brasil
E-mail: julianaalmeidadeandrade13@gmail.com

Larissa Layane Lima Costa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2347-3678>
Centro Universitário Planalto do Distrito Federal, Brasil
E-mail: larissalayanelima@gmail.com

Stéfani da Cruz Cavalcante

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3831-1021>
Centro Universitário Planalto do Distrito Federal, Brasil
E-mail: stefani.teleco@gmail.com

Camila Etelvina de Sousa Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9959-2661>
Centro Universitário Planalto do Distrito Federal, Brasil
E-mail: camilas1301@hotmail.com

Resumo

A fisioterapia pélvica atua na prevenção de disfunções, reabilitação do assoalho pélvico e melhora na qualidade de vida. Entretanto devido à falta de divulgação não alcança visibilidade ao público que necessita desse atendimento. O presente estudo teve como objetivo analisar, qual o nível de conhecimento das mulheres do Distrito Federal (DF) sobre a atuação da fisioterapia pélvica na atenção primária?. A pesquisa foi realizada via Google Forms, contando com a participação de 171 mulheres residentes do DF com a faixa etária de 18 a 80 anos. O questionário foi disponibilizado de forma On-line por meio de links divulgados pelas mídias sociais e a coleta só foi iniciada após o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa. Foi identificado que 90,64% das mulheres nunca procuraram a fisioterapia pélvica e 7,6% declararam já ter procurado. Das que já procuraram 15,38% foi para prevenção e 84,61% para tratamento. As principais queixas apresentadas pelas mulheres foram coceira vaginal com 35,7%, perda de libido com 33,9%, ardor vaginal com 25,7% e vazamento de urina com 22,8%. Dessa forma foi visto que a fisioterapia pélvica ainda tem uma baixa visibilidade pelo público feminino, onde o tratamento é o meio que algumas ainda procuram dentro da área. Evidenciando que essa especialidade precisa de mais estratégias de marketing para disseminar e difundir a respeito dessa área, em especial voltada a atenção primária. Dessa maneira o público feminino terá mais acesso à informação, principalmente voltada à prevenção.

Palavras-chave: Saúde da mulher; Fisioterapia; Pelve; Conhecimento; Atenção primária à saúde.

Abstract

Pelvic physiotherapy acts in the prevention of dysfunctions, rehabilitation of the pelvic floor and improves quality of life. However, due to the lack of disclosure, it does not reach visibility to the public that needs this service. The present study aimed to analyze what is the level of knowledge of women in the Federal District (DF) about the performance of pelvic physiotherapy in primary care?. The survey was conducted via Google Forms, with the participation of 171 women living in the Federal District with the age group of 18 to 80 years. The questionnaire was made available Online through links disclosed by social media and the collection was only started after the favorable opinion of the Research Ethics Committee. It was identified that 90.64% of women never sought pelvic physiotherapy and 7.6% said they had already sought it. Of those who have already sought, 15.38% went for prevention and 84.61% for treatment. The main complaints presented by women were vaginal itching with 35.7%, loss of libido with 33.9%, vaginal burning with 25.7% and urine leakage with 22.8%. In this way it was seen that pelvic physiotherapy still has a low visibility by the female public, where the treatment is the medium that some are

still looking for within the area. Evidencing that this specialty needs more marketing strategies to disseminate and disseminate about this area, especially aimed at primary care. In this way, the female public will have more access to information, mainly aimed at prevention.

Keywords: Women's health; Physiotherapy; Pelvis; Knowledge; Primary health care.

Resumen

La fisioterapia pélvica actúa en la prevención de disfunciones, la rehabilitación del suelo pélvico y mejora la calidad de vida. Sin embargo, debido a la falta de divulgación, no alcanza visibilidad para el público que necesita este servicio. El presente estudio tenía como objetivo analizar cuál es el nivel de conocimiento de las mujeres en el Distrito Federal (DF) sobre el rendimiento de la fisioterapia pélvica en la atención primaria. La encuesta se llevó a cabo a través de Google Forms, con la participación de 171 mujeres que viven en el Distrito Federal con el grupo de edad de 18 a 80 años. El cuestionario se puso a disposición en línea a través de enlaces revelados por las redes sociales y la recopilación solo se inició después de la opinión favorable del Comité de Ética de la Investigación. Se identificó que el 90,64 % de las mujeres nunca buscaron fisioterapia pélvica y el 7,6 % dijeron que ya la habían buscado. De los que ya han buscado, el 15,38 % fue para la prevención y el 84,61 % para el tratamiento. Las principales quejas presentadas por las mujeres fueron la picazón vaginal con un 35,7%, la pérdida de libido con un 33,9 %, la ardor vaginal con un 25,7% y una fuga de orina con un 22,8 %. De esta manera, se vio que la fisioterapia pélvica todavía tiene una baja visibilidad por parte del público femenino, donde el tratamiento es el medio que algunos todavía están buscando dentro de la zona. Evidencia de que esta especialidad necesita más estrategias de marketing para difundir y difundir sobre esta área, especialmente dirigida a la atención primaria. De esta manera, el público femenino tendrá más acceso a la información, dirigida principalmente a la prevención.

Palabras clave: Salud de la mujer; Fisioterapia; Pelvis; Conocimiento; Atención primaria de salud.

1. Introdução

Quando se fala sobre a atenção primária refere-se a uma ação para prevenir causas e fatores de riscos em um indivíduo antes que se desenvolva algum tipo de patologia ou condições clínicas como por exemplo as vacinas que são aplicadas para proteger o ser humano contra infecções ou ajudando com a imunização, a orientação para prática de exercícios físicos para evitar os riscos de obesidade e a orientação para ingestão de água para prevenção de pedra nos rins ou infecções urinárias.

A fisioterapia voltada para saúde da mulher atua nos cuidados do ciclo feminino que vai da infância até a melhor idade cuidando de fases comuns na vida da mulher como a primeira menarca, gravidez, pós-parto, climatério, menopausa, puerpério; quanto nas disfunções que podem acontecer devido a fatores internos ou externos como as disfunções sexuais, incontinências urinárias, disfunções pélvicas, câncer de mama, câncer ginecológico, dentre outros.

Essa área da fisioterapia dentro da saúde da mulher foi reconhecida a pouco tempo pelo conselho federal de fisioterapia e terapia ocupacional COFFITO em novembro de 2009 por meio da resolução nº 372. É de extrema importância na melhora da qualidade de vida feminina pois atua na saúde primária, secundária e terciária destrinchando em algumas áreas de atuação (obstetrícia, ginecologia, uroginecologia, coloproctologia, disfunções sexuais femininas e mastologia). A fisioterapia pélvica, que é um serviço envolvido na saúde da mulher atua na prevenção de disfunções pélvicas, reabilitação do assoalho pélvico, melhora na qualidade de vida em mulheres com incontinência urinária e fecal, dor pélvica, endometriose, vaginismo e trata disfunções sexuais.

Essa atuação utiliza tratamentos que são específicos para essa área como por exemplo exercícios de Kegel, biofeedback e estimulações elétricas, treinamento vesical, alongamento e relaxamento dos músculos do assoalho pélvico, técnicas de terapia manual em áreas específicas de acordo com a queixa da paciente. Apesar dos diversos benefícios a fisioterapia pélvica ainda é uma área pouco conhecida pela população e por alguns gestores de saúde, é de extrema importância

aos estudantes que querem uma especialização dessa área trazer a divulgação dela para que possa ter um maior reconhecimento da população feminina em geral e consequentemente uma maior demanda de procura dentro dessa especialidade.

Pode-se perceber que a fisioterapia na saúde da mulher, apesar de ter muitas evidências científicas, tem uma grande deficiência em recursos e de profissionais na área, entretanto nos últimos anos a área vem ganhando visibilidade, porém vem enfrentando falta de espaço na rede de saúde de atenção básica. Devido à pouca divulgação, a fisioterapia se torna menos conhecida, não alcançando as mulheres que necessitam desse tratamento.

Desta forma nessa pesquisa podemos esclarecer a importância da fisioterapia na saúde da mulher e como ela pode ajudar esse público na prevenção e no tratamento de possíveis disfunções que podem vir a ter no decorrer da vida. Assim iremos analisar, qual o nível de conhecimento das mulheres do Distrito Federal (DF) sobre a atuação da fisioterapia pélvica na atenção primária?

2. Metodologia

O projeto de pesquisa obteve aprovação pelo Comitê em Pesquisa pelo parecer n. 6.275.187. Os que aceitaram participar do estudo leram e assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

Tratou-se de uma pesquisa de campo, quantitativa, básica, primária, transversal e exploratória. Pois analisou por meio de dados estatísticos o número de mulheres no DF que conhecem a atuação da fisioterapia pélvica na prevenção primária, utilizando medidas e dados quantificáveis de acordo com Estrela C. (2018), buscando a amplitude do conhecimento a respeito da informação pessoal obtida pelas mulheres através de um questionário que forneceu dados e conclusões originais e foi coletado em um único momento.

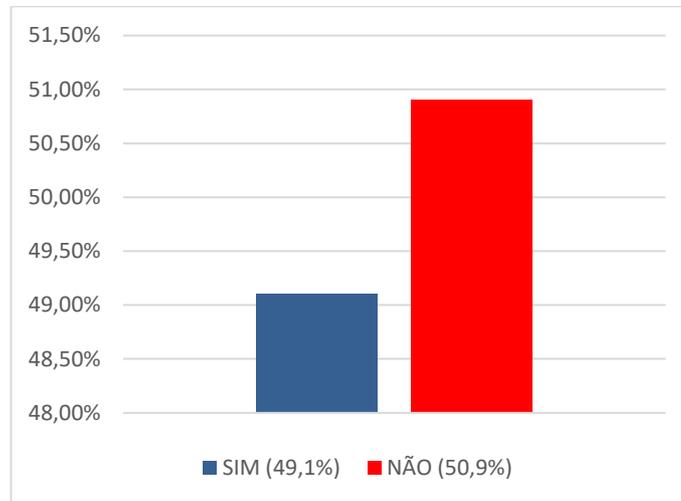
Foi apresentado um questionário a mulheres moradoras do DF em que o estudo aconteceu no Centro Universitário Planalto do Distrito Federal por meio da plataforma digital Google Forms onde o questionário foi feito através de um notebook Dell Vostro 143480 modelo 2020, com estimativa a participação de 150 mulheres com os critérios de inclusão: faixa etária de 18 a 80 anos de idade, residentes do DF, que possuíam acesso à internet e usufruíam de mídias sociais. Além disso, foram aplicados critérios de exclusão, como: voluntários que possuem algum déficit neurológico ou visual e os que não portam equipamentos digitais que permitem acesso as mídias sociais. O questionário foi disponibilizado de forma online por meio de links divulgados por Smartphones em mídias sociais como Instagram, WhatsApp, Twitter e Telegram. Ao abrir o questionário as participantes preencheram voluntariamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que teve uma linguagem clara e de fácil compreensão com esclarecimentos sobre a pesquisa, onde podem solicitar uma cópia via Email. A segunda parte foi composta pelo preenchimento dos dados pessoais e por questões mistas com respostas abertas e fechadas sobre o conhecimento referente a fisioterapia pélvica, a saúde primária, sua condição pessoal de saúde e alguns sintomas que possam apresentar (sendo estes relacionados a patologias e disfunções encontradas na fisioterapia dentro da saúde da mulher). A realização do questionário durou em média de 6 a 12 minutos e a coleta só iniciou após parecer favorável do Comitê de Ética.

3. Resultados

A interpretação dos dados foi vista através de análises estatísticas descritivas, porcentagens e médias. Abaixo é possível identificar os resultados por meio de gráficos e tabelas em que foram posicionados de acordo com seu nível de relevância para a presente pesquisa.

O Gráfico 1 mostrará os dados referente ao conhecimento das mulheres sobre a fisioterapia pélvica relacionada à atenção primária.

Gráfico 1 – “Conhece a fisioterapia pélvica?”



Fonte: Autores (2023).

No gráfico acima é interessante observar que entre as participantes 49,1% (n=84) das mulheres afirmam conhecer e 50,9% (n= 87) alegam não ter conhecimento sobre a área. Sendo possível constatar que o número de mulheres que não tem conhecimento sobre a fisioterapia pélvica é relativamente maior.

A Tabela 1 está relacionada à perguntas subjetivas onde cada participante da pesquisa expôs sua própria resposta. Com isso, houve o reagrupamento das respostas similares para facilitação na compreensão da análise dos dados.

Tabela 1 – Por onde o público feminino ouviu falar sobre a fisioterapia pélvica.

Número de mulheres	Por onde conhecem
29	Faculdade
13	Internet
9	Rede Social
7	Colegas
4	Trabalho
3	Consulta
3	Indicação Médica
2	Área da saúde
2	De ouvir falar
2	Família
1	Curso
1	Academia

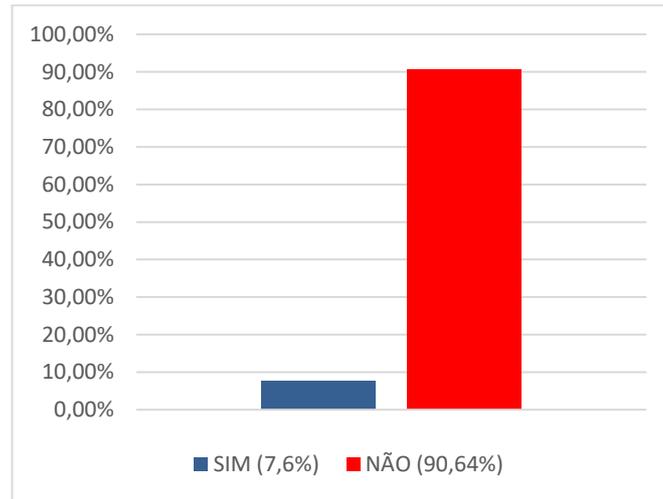
Fonte: Autores (2023).

Na tabela exposta foi descrito os meios por onde as participantes ouviram falar sobre a fisioterapia pélvica, exibindo

que a grande maioria escutou sobre o assunto no ambiente da faculdade que é um local onde se fala mais sobre esse tema, principalmente em graduações da área da saúde, logo em seguida veio o conhecimento por meio da internet e das redes sociais que são hoje espaços com um grande crescimento que geram a aprendizagem para essa especialidade.

Foram situados no Gráfico 2 os dados sobre quem já procurou a fisioterapia pélvica seja para prevenção ou tratamento.

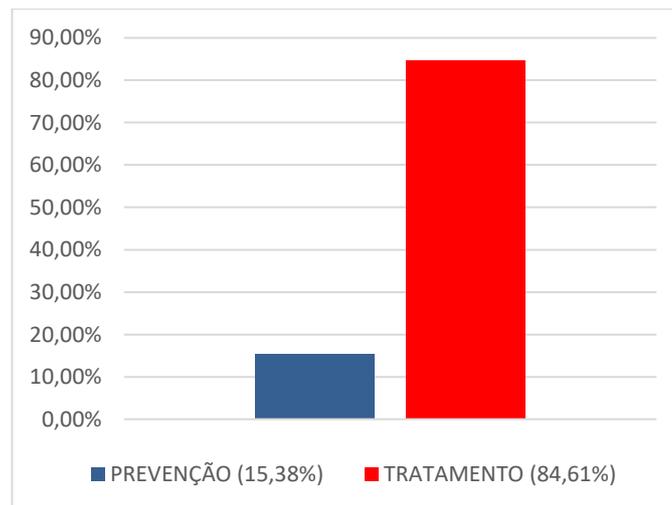
Gráfico 2 – “Já procurou a fisioterapia pélvica?”



Fonte: Autores (2023).

No Gráfico 2 foi possível ponderar que 90,64% (n= 155) nunca procuraram a área para ambas as condições e 7,6% (n=13) declararam já ter buscado. As participantes relataram para qual nível de atenção buscaram a área, o que pode ser visualizado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – “Foi procurada a fisioterapia pélvica para qual nível de atenção?”



Fonte: Autores (2023).

Tratando das informações referentes ao motivo pelo qual foi procurado a área, mostra-se que que 15,38% (n=2) já procuram para prevenção e 84,61% (n=11) para tratamento. Sendo possível verificar que o percentual da busca pelo tratamento é relativamente maior em tal caso. No entanto foram retiradas 3 participantes, sendo 2 do quesito tratamento e 1 do fator prevenção, com justificativa de que na questão anterior alegam não ter procurado a fisioterapia pélvica. É importante averiguar as principais queixas que as mulheres da pesquisa relataram, onde pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 - Principais queixas apresentadas entre as mulheres.

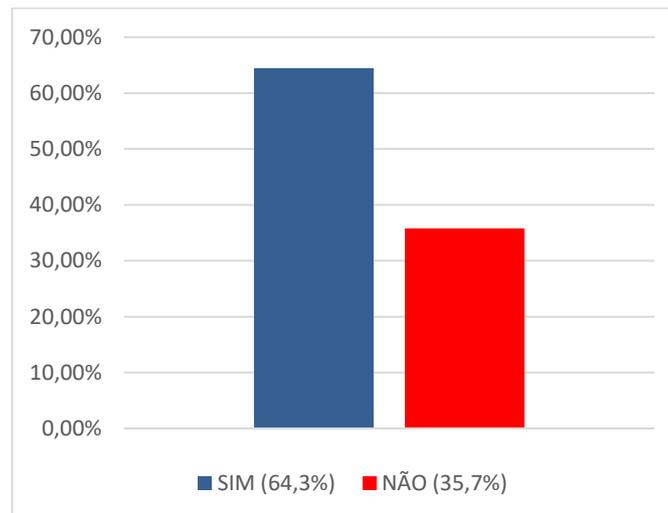
Número de mulheres	Suas queixas
3	“Incontinência Urinária”
1	“Atrofia e Fibrose”
1	“Gestação saudável”
1	“Dor, Diástase e Estética”
1	“Cólicas menstruais fortes, Candidíase, Dor pélvica”
1	“Dores nas partes íntimas”
1	“Perda de urina”
1	“Escape de urina ao pular”
1	“Dores nas pernas e pés”
1	“Tenho endometriose”

Fonte: Autores (2023).

Contata-se que 3 das participantes relataram o mesmo sintoma relacionado a incontinência urinária, que foi a mais citada entre elas, sendo um sintoma relativamente comum entre as mulheres em que deve ser tratado o quanto antes na fisioterapia pélvica.

Já no Gráfico 4 foi averiguado os índices de conhecimento sobre prevenção primária, entre as participantes.

Gráfico 4 - “Já ouviu falar ou sabe o que significa prevenção primária?”

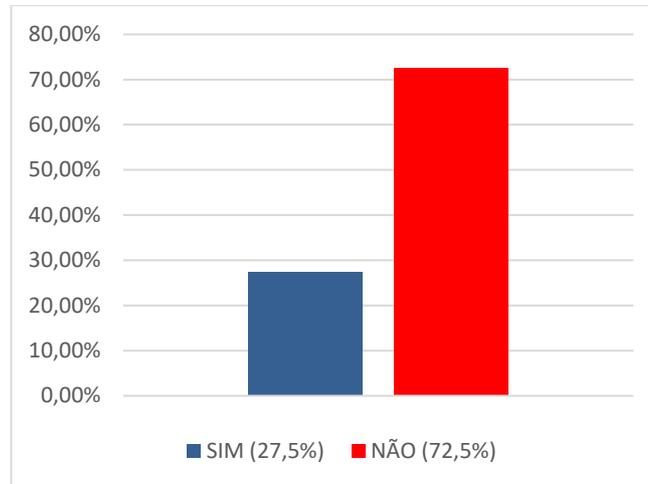


Fonte: Autores (2023).

É possível notar a quantidade de participantes que sabem o significado de prevenção primária ou já ouviram falar sobre esse tema. Diante disso observa-se que aproximadamente 64,3% (n=110) relataram já ter ouvido falar ou conhecer e 35,7% (n=61) desconhecem sobre o assunto. Portanto foi percebido que a maioria das mulheres entrevistadas afirmaram ter conhecimento sobre o assunto.

Foram ponderados no Gráfico 5 dados sobre a quantidade de mulheres que já deixaram de procurar ajuda profissional na área da saúde da mulher por sentir receio ou vergonha.

Gráfico 5 - “Já deixou de procurar ajuda profissional na área da saúde da mulher por sentir vergonha?”

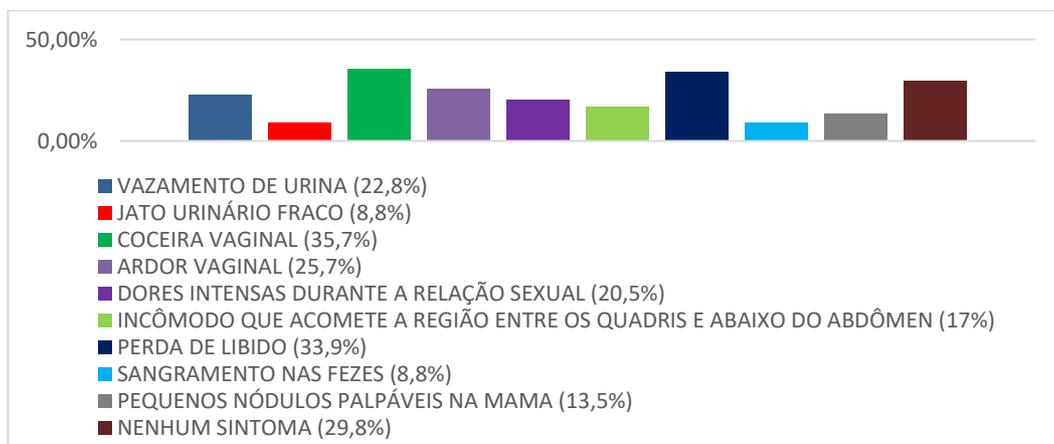


Fonte: Autores (2023).

É notório que 27,5% (n=47) deixaram de buscar auxílio e 72,5% (n= 124) não o deixaram de procurar. Garantindo assim que as participantes desse estudo acurado não sentem vergonha de buscar ajuda profissional dessa área.

É considerável a investigação dos sintomas que o público feminino possa vir a apresentar. Abaixo, o Gráfico 6 disserta sobre as principais queixas que as participantes relatam ter passado ou apresentam no momento.

Gráfico 6 - “Já teve algum desses sintomas?”

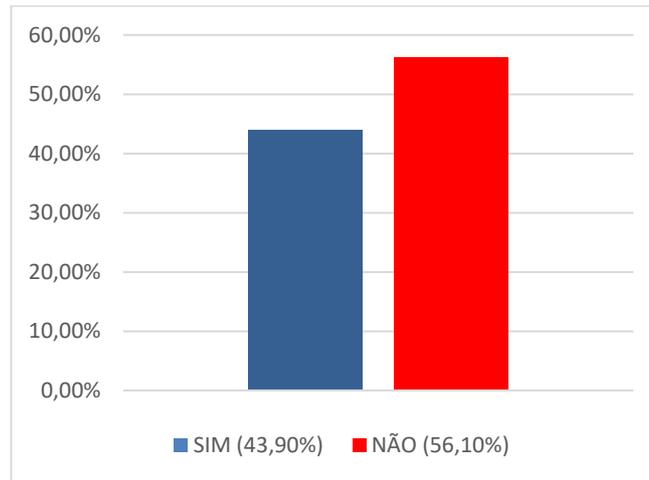


Fonte: Autores (2023).

É possível constatar que as condições mais comuns foram coceira vaginal com 35,7% (n=61), perda de libido com 33,9% (n=58), ardor vaginal com 25,7% (n= 44) e vazamento de urina com 22,8% (n=39). Apontando no presente estudo que coceira vaginal e perda de libido são os maiores percentuais queixados entre essas mulheres.

Foi investigado também no Gráfico 7 sobre as participantes que já tiveram alguma gestação, para observar se essas mulheres teriam alguma influência no aumento da probabilidade em buscar atendimento dentro da fisioterapia pélvica.

Gráfico 7 – “Já teve alguma gestação?”

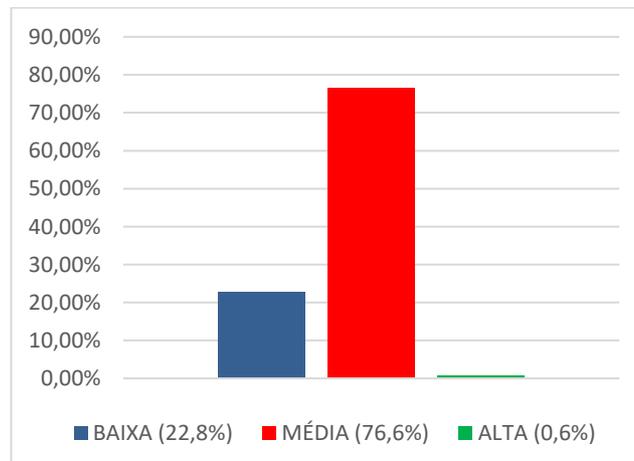


Fonte: Autores (2023).

É pertinente observar no gráfico acima que 43,90 % (n= 75) das mulheres teve alguma gestação e 56,10 % (n= 96) nunca tiveram, salientando assim que a maioria dessas mulheres não levariam em consideração esse fator para a procura dessa área.

No Gráfico 8, foram obtidas respostas a respeito do questionamento feito as participantes sobre sua classificação social para averiguar se existe alguma correlação com o acesso à fisioterapia pélvica.

Gráfico 8 – “Qual sua classificação social?”.

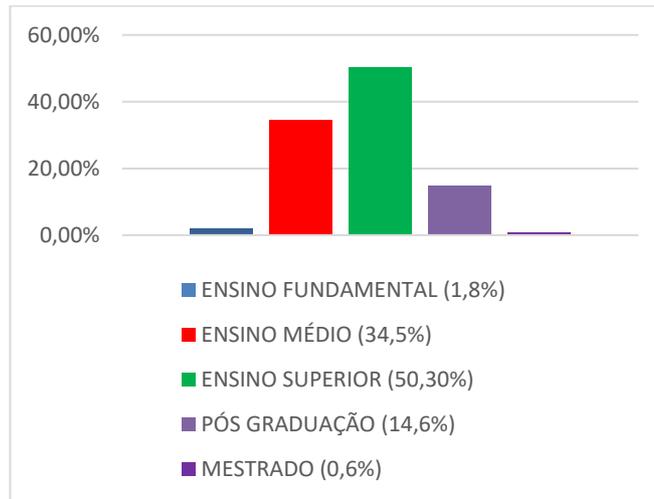


Fonte: Autores (2023).

Como mostra no gráfico acima, é notório que a maioria das mulheres se consideram como classe média com dados de 76,6 % (n= 131), logo após vem as de classe baixa com 22,8 % (n= 39) e por último uma baixa porcentagem das que se categorizam como classe alta com 0,6 % (n=1).

O nível de escolaridade descrito no Gráfico 9, foi abordado com o mesmo intuito do gráfico anterior, para analisar se existe uma relação com o acesso a essa área da fisioterapia.

Gráfico 9 – “Seu nível de escolaridade”.



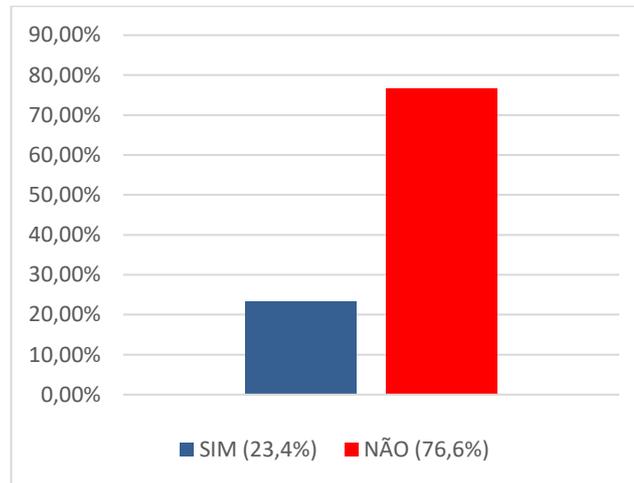
Fonte: Autores (2023).

Pecebe-se que no Gráfico 9, grande parte das participantes possuem nível superior com 50,3 % (n= 86), logo em seguida as que apresentam nível médio com 34,5 % (n= 59), partindo para as que portam graduação por meio de 14,6 % (n= 25) e com menores porcentagens as que têm nível fundamental com porcentagem de 1,8 % (n=3) e mestrado com 0,6 % (n=1).

Ao apurar os dados dos Gráficos 8 e 9 é compreendido que a classificação social e o nível de escolaridade não mostram tanta relação ao acesso do conhecimento referente a fisioterapia pélvica, já que como visto anteriormente a maioria das mulheres que responderam à pesquisa são de classe média e possuem nível superior tendo em vista que esse público em sua grande parte possui acesso à informação e mesmo assim o índice das participantes que desconhecem essa área se sobressai.

Com base nas informações obtidas no Gráfico 10, foi possível identificar se as participantes já viram alguma clínica de fisioterapia pélvica no DF.

Gráfico 10 – “Já viu alguma clínica de fisioterapia pélvica no DF?”.

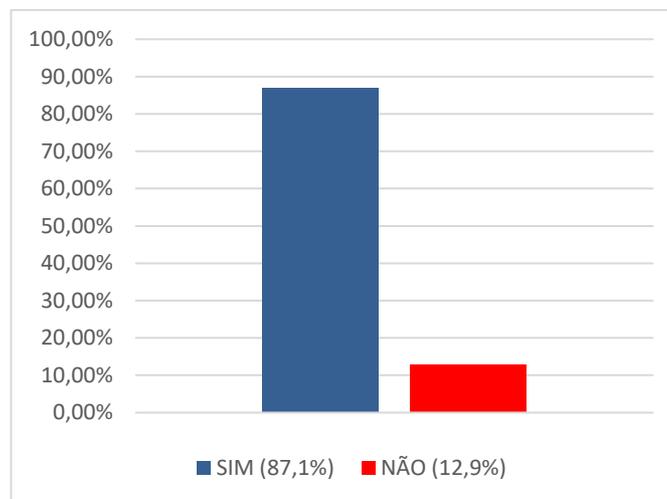


Fonte: Autores (2023).

Foi relatado que cerca de 23,4% (n= 40) alegam já ter visto, enquanto 76,6% (n= 131) nunca viram. Sendo possível constatar que maior parte das participantes da pesquisa, declaram não conhecer clínicas de fisioterapia pélvica no DF.

É de grande importância saber a relevância do questionário imposto as participantes. E para obter essa informação, como pode ser visto no Gráfico 11, as participantes foram questionadas se tem interesse em saber mais sobre a fisioterapia pélvica ou procurá-la para prevenção ou tratamento.

Gráfico 11 - “Após a realização desse questionário tem interesse em saber mais sobre a fisioterapia pélvica ou procurá-la para prevenção ou tratamento?”.



Fonte: Autores (2023).

A descrição do gráfico acima aponta que cerca de 87,1% (n=149) das participantes demonstraram vontade em adquirir mais conhecimento sobre o assunto e apenas 12,9% (n=22) não obtiveram esse desejo. Tendo em vista ser um dado positivo para o aumento na busca dessa área.

4. Discussão

A hipótese desse estudo mencionou que a fisioterapia pélvica tem pouca visibilidade pelas mulheres por ser uma área relativamente nova em que foi reconhecida pelo COFFITO somente há 14 anos, principalmente quando está relacionada a prevenção e não ao tratamento por conta da falta de acesso à informação e por ser uma área que enfrenta diversos tabus referentes a alguns temas que não são dialogados com tanta frequência por algumas diferenças culturais da sociedade. Por meio dos resultados recolhidos, foi possível perceber que de fato o conhecimento feminino sobre o assunto tem uma baixa evidência principalmente na atuação de prevenção, em controversa, as participantes em sua grande maioria conseguem evidenciar o significado da atuação em prevenção primária. Além disso, foi averiguado que o maior número de mulheres não sente vergonha em dialogar sobre assuntos relacionados a sua saúde íntima.

As participantes da atual pesquisa com faixa etária de 18 a 80 anos de idade obtiveram alguns sintomas de disfunções do assoalho pélvico, onde os mais comuns foram o vazamento de urina com 22,8% (n=39), perda de libido com 33,9% (n=58) e ardor vaginal com 25,7% (n= 44), quando comparado ao estudo Maduenho et al (2022), verificou-se similaridade em que analisou dados com as principais disfunções do assoalho pélvico, no qual a incontinência urinária com 21% (n=57) e disfunção sexual com 27,6 % (n=75) foram as mais queixadas pelas participantes. Constatando que há uma grande quantidade de mulheres que possui ou possuiu algum sintoma relacionado ao assoalho pélvico.

O fisioterapeuta pélvico desempenha um papel importante na prevenção e no combate a Incontinência Urinária, pois de acordo com os estudos de Guerra et al (2014), Rêgo et al (2022) e Methun et al (2023), através de diferentes métodos e aparelhos ele reabilita os músculos do assoalho pélvico, melhorando a consciência corporal e diminuindo as perdas urinárias, contribuindo para a melhora da qualidade de vida das pacientes. Outra questão bastante abordada pelas participantes são as disfunções sexuais femininas. Essas disfunções são vistas como problema de saúde pública, pois pode afetar a saúde física e mental da mulher. Baseado em Sartori et al (2018) e em Ribeiro et al (2022), o tratamento fisioterapêutico vem contribuindo significativamente para a melhora das queixas das pacientes, como por exemplo o alívio da dor pélvica.

Tendo em vista o nível de conhecimento das mulheres do DF sobre a atuação da fisioterapia pélvica, foi notado que essa área ainda é desconhecida por esse público, visto que a maioria alegou não saber do que se trata. De acordo com o estudo Foletto et al (2010), a área da fisioterapia na saúde da mulher é um campo onde até mesmo alguns médicos só passaram a ter compreensão após o início da residência médica ou após sua conclusão, enfatizando assim que muitos desses médicos não possuem experiência teórica no assunto de atuação da fisioterapia nessa área, efetuando que não indiquem os pacientes que desconhecem essa especialidade. Já Mascarenhas (2021) disserta que a fisioterapia pélvica enfrenta dificuldades a falta de recursos, tal como escassez de fisioterapeutas especialistas contratados, causando baixo nível de evidências científicas e uma menor divulgação de benefícios sobre o assunto para a população feminina.

As mulheres participantes da atual pesquisa quando questionadas sobre em que situação buscaram a fisioterapia pélvica, apresentaram que 84,61% (n=11) procuraram a especialidade para tratar de alguma disfunção e 15,38% (n=2) já buscaram com o intuito de prevenção. De acordo com Foletto et al (2010), a prevenção é a promoção da saúde da mulher na qual é deixada em segundo plano, onde atribuem um enfoque maior na reabilitação de patologias. A busca em cuidados antes mesmo de adquirir alguma disfunção é de suma importância, visto que através disso possa prevenir a presença de sintomas indesejáveis na saúde íntima e sexual da mulher. Diante disso, é imprescindível a discussão e a pesquisa sobre a fisioterapia pélvica para que esse público seja alcançado, assim, aumentando a qualidade de vida e bem-estar.

Após serem questionadas sobre a classe social e a escolaridade, obteve-se uma taxa elevada de mulheres 76,6% (n=131) que se consideram como classe média e se classificam em grande maioria como nível escolar superior com 50,3% (n=86). Evidenciando, diante dos dados, não terem obstáculos desses dois fatores na busca de conhecimento na área da fisioterapia pélvica. De acordo com Alcides (2011), discorrendo que a questão socioeconômica no Brasil é um dos fatores que geram desigualdade na saúde, além de ressaltar que pessoas de baixa renda e com baixo nível de escolaridade apresentam menores condições de acessibilidade nos níveis de atenção de saúde em relação às demais, tendo em vista que a disponibilidade de recursos e serviços para esse grupo é relativamente menor. Assim, na pluralidade do atual estudo é perceptível que em maior parte do público pesquisado possui acesso aos recursos de saúde, incluindo a fisioterapia pélvica, no entanto não se pode generalizar e descartar a possibilidade de que contiveram participantes que podem não ter acesso a essa área devido a sua questão socioeconômica.

No decorrer dos resultados, foi possível identificar que a maior parte das participantes 56,10% (n= 96) nunca tiveram uma gestação. Mas vale ressaltar, que 43,90% (n= 75) das mulheres já engravidaram, e de acordo com Boeira et al (2022) e Keil et al (2022), nesse período o corpo da grávida passa por diversas mudanças e é de grande importância a atuação do fisioterapeuta pélvico no período gestacional, pois ele auxilia na adaptação corporal, além de atuar na prevenção de disfunções do assoalho pélvico e lacerações perineais, preparando a grávida para o momento do parto.

Com base no questionamento feito as participantes a respeito do sentimento de vergonha ao ter que procurar ajuda profissional na área da saúde da mulher, a maior parte 72,5% (n=124) alegou não sentir vergonha ou receio por buscar ajuda, enquanto 27,5% (n=47) relatam esse sentimento. No entanto no estudo de Silva et al (2015), foi exposto que muitas mulheres apresentam receio de procurar por um profissional da saúde para procedimentos íntimos, tendo como principais relatos a vergonha e a falta de confiança, principalmente se o profissional pertencer ao sexo masculino. Com isso pode-se perceber a distinção nos resultados dos dois estudos e a necessidade dos profissionais da área em desenvolver maneiras de fazer com que essas mulheres se sintam confortáveis em procurá-los.

Mesmo com os resultados referentes ao conhecimento desse público serem baixos em relação a atuação da fisioterapia pélvica, foi notado que grande parte das participantes descreveram sintomas associados a disfunções do assoalho pélvico. Levando a crer que grande parte das (90,64%) mulheres que responderam nunca ter procurado a área, seja por falta do conhecimento ou entendimento da mesma. Após a participação delas no presente estudo (87,1%) demonstraram interesse em saber mais sobre a fisioterapia pélvica ou procurá-la para prevenção ou tratamento.

Houveram algumas limitações no presente estudo, por ser um questionário de forma online no qual não pode abranger para o público que não possuíam acesso às redes sociais, analfabetas e que não portavam aparelhos digitais. Apesar disso, essa foi a primeira pesquisa que identificou a percepção feminina especificamente das moradoras do Distrito Federal sobre a fisioterapia pélvica em cuidados primários. Além do mais foi identificado que essa área da fisioterapia é de grande relevância para disfunções do assoalho pélvico, entretanto precisa de mais estratégias de marketing para gerar maior divulgação dessa especialidade.

5. Considerações Finais

Dessa forma, foi visto que a fisioterapia pélvica ainda tem uma baixa visibilidade pelo público feminino, mesmo notando que grande parte das participantes apresentaram algumas disfunções do assoalho pélvico, onde o tratamento foi o meio

que algumas ainda procuram dentro da área. Além do mais foi apurado que grande parte das mulheres que participaram dessa pesquisa não sentem vergonha ou se sentem desconfortáveis em procurar ou falar sobre a sua saúde íntima. É notório que a fisioterapia pélvica tem poucos meios de divulgação, visto que grande parte dos ambientes que essas mulheres já ouviram falar sobre o assunto foi na faculdade, sendo pessoas que provavelmente estão vinculadas na área da saúde onde é mais comum escutar sobre tal assunto.

Por outro lado, quando discursado sobre o significado de prevenção primária mais da metade do público feminino mostrou ter conhecimento sobre o tópico, surpreendendo positivamente na pesquisa. Ademais foi considerado que esse estudo agregará em um melhor conhecimento não somente para o público feminino, mas para toda a população, envolvendo também profissionais de saúde e toda a comunidade científica.

Por fim, é sugestivo para trabalhos futuros, estudos que explorem mais sobre esse tema com amostras maiores de mulheres, abrangendo todas as regiões do Brasil com a verificação sobre questionamentos de como a fisioterapia pélvica possa ter mais visibilidade na sociedade e quais os meios de divulgação podem promover um conhecimento maior sobre essa área, a fim de agregar maior contribuição no meio científico e nos conhecimentos acadêmicos sobre esse tema.

Referências

- Alcides, J. (2010, August). Classe Social e Desigualdade de Saúde no Brasil. *sciELO*, 26(75). <https://www.scielo.br/j/rbsoc/a/sNVpwMC3DxJ7KXJxJ5FDj6C/?lang=pt#>
- Baldini, C., Nava, G., Souza, B., Carr, A., Avramidis, R., & Barbosa, A. (2022, September). Knowledge of pelvic floor disorders in young women: a cross-sectional study. *sciELO*, 35. <https://www.scielo.br/j/fm/a/FnQVnQDpH7L5KY6vX84VBQR/?lang=en>
- Berghmans, B. (2018). Physiotherapy for pelvic pain and female sexual dysfunction: an untapped resource. *Int Urogynecol J*, 29, 631-8.
- Boeira, J et al. (2022, February). Pelvic floor physiotherapy's role in public health for pregnant women: an integrative review. *Fisioterapia Brasil*, 22(6), 912-930. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1358383?lang=pt>
- Burt, J. (2023, April). The role of Physical Therapy in pelvic health. *sciELO*, 30. <https://www.scielo.br/j/fp/a/Pv35fBNGfCKZs9YRx35QWDg/?lang=en>
- Dias, S., Landim, V., Silva, J., Araújo, L., Machado, L., Ribeiro, N., & Costa, P. (2020). Implementation of the ambulatory service of pelvic physiotherapy within the Unique Health System. *J health NPEPS*, 5(2), 393-410.
- Estrela, C. (2018). Metodologia científica: Ciência, Ensino, Pesquisa. *Editora Artes Médicas*.
- Foletto, H., Tonello, T., & Bianchini, V. (2010, December). The physical therapy for women health care: how has it been understood? *Fisioterapia Brasil*, 11(6). <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/download/1438/2579/8683#:~:text=Os%20resultados%20encontrados%20demonstraram%20que,aten%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20sa%C3%BAde%20da%20mulher>
- Guerra T et al . (2014, December). Role of physical therapy in the treatment of urinary incontinence of effort. *Femina*, 42(6), 32-37. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-749144>
- Keil, M., Delgado, A., Xavier, M., & Nascimento, C. (2022). Physiotherapy in obstetrics through the eyes of pregnant women: a qualitative study. *sciELO*, 35. <https://www.scielo.br/j/fm/a/F5tvzzNfPc9rsnvB5QD96gm/?lang=en#ModalTutors>
- Maduenho, T., Driusso, P., Sartorato, A., & Reis, B. (2022). Perfil do conhecimento de mulheres sobre a atuação do fisioterapeuta na saúde da mulher. *sciELO*, 29(3), 252-7.
- Mascarenhas, L. (2021). Fisioterapia na Saúde da Mulher. *Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 15ª Região CREFITO-15*. <https://www.crefito15.org.br/fisioterapia-na-saude-da-mulher/>
- Mendes, I., Lima, T., & Ferreira, M. (2021). Non-pharmacological therapeutic approaches to painful sexual dysfunction in women: integrative review. *sciELO*, 4(3), 239-44.
- Methun M et al . (2023, October). Inequalities in adequate maternal healthcare opportunities: evidence from Bangladesh Demographic and Health Survey. *BMJ Open*, 13(1).

Orsolin, E., Amarante, M., & Lisboa, D. (2021, September). Asistencia fisioterapéutica en el trabajo de parto. *sciELO*, 28(3). <https://www.scielo.br/j/fp/a/pWvNrWw9mSnLQ8Wsgsd7zGR/?lang=pt#>

Rêgo, L., Silva, J., Lima, C., & Ferreira, C. (2022). Prevalencia, conocimientos y factores asociados a la incontinencia urinaria en mujeres estudiantes de Fisioterapia. *sciELO*, 29. <https://www.scielo.br/j/fp/a/YMNbHZX4jnTzYzTQbX8mpRF/?lang=pt#>

Ribeiro, C., Beretta, M., & Sousa, T. (2022). A importância da intervenção fisioterapéutica no vaginismo: uma revisão sistemática. *Femina*, 50(9), 549-55.

Sartori, D., Oliveira, C., Tanaka, E., & Ferreira, L. (2018). Performance of physiotherapy in sexual dysfunctions. *Femina*, 46(1), 32-37. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/02/1050092/femina-2018-461-32-37.pdf>

Schilling, C. (2013). Caderno de Atenção Primária nº 29. *Ministério da Saúde*. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/rastreamento_caderno_atencao_primaria_n29.pdf

Silva L et al. (2015). Feelings involved in gynecological care provided by the medical student: analysis pre and post consultation. *Fac. Ciênc. Méd*, 17(4), 210-221.

Zeghbi, A., & Mattar, R. (2009, November). Resolução nº 372, de 6 de novembro de 2009: reconhece a Saúde da Mulher como especialidade do profissional Fisioterapeuta e dá outras providências. *Diário Oficial da União*.